

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



O AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE FRENTE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Daiana de Freitas Pinheiro; Patrícia Pereira Tavares de Alcantara; Beatriz de Castro Magalhães, Emanuely Holanda Silva, Leticia Gomes da Silva, Marina Barros Wenes Vieira, Juliane de Lira Mendes, Lindalva Maria Barreto Silva, Francisca Evangelista Alves Feitosa.

Resumo:

O Agente Comunitário de Saúde (ACS) é essencial no manejo da violência contra a mulher (VCM), visto sua atuação na comunidade. O presente estudo se propôs a analisar a compressão e as condutas dos ACS frente os casos de Violência Contra a Mulher. Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e qualitativa, realizada com 40 ACS da zona urbana de um município do interior do Ceará, através de um roteiro de entrevista previamente elaborado. Após a coleta de dados, os mesmos foram analisados pela análise de conteúdo de Minayo (2014), emergindo duas categorias temáticas: (1) Percepções dos ACS sobre VCM, e (2) Atuação do ACS frente a VCM. Na primeira categoria apresenta-se a visão que os ACS possuem sobre VCM, limitando-se não apenas ao conceito de violência física, mas trazendo a percepção de uma forma ampliada. Na segunda categoria apresenta-se uma discussão sobre as fragilidades e potencialidades nas condutas desses profissionais. Diante dos achados, os dados viabilizaram a reflexão sobre a necessidade da educação permanente com ACS no sentido de potencializar o seu conhecimento prévio, para a atuação baseada em condutas assertivas e eficientes frente os casos de VCM.

Palavras-chave: Violência Contra a Mulher. Agente Comunitário de Saúde. Assistência a saúde.

1. Introdução

A violência contra a mulher (VCM) destaca-se como problema de saúde pública, que está imbricado nas desigualdades de gênero, as quais naturalizam o domínio do homem sobre a esposa (GOMES et al., 2012; RODRIGUES et al., 2014; MENEZES et al., 2014).

O número de casos desse tipo de violência tem aumentado anualmente devido os crimes serem tratados com naturalidade (CERQUEIRA et al., 2018). É importante destacar que esse problema, mantém sua ocorrência e impactos sobre a saúde das mulheres, frequentemente "ocultados", mascarando os danos causados (ALMEIDA; SILVA; MACHADO, 2014; WHO, 2010).

Assim, no contexto da assistência à saúde destaca-se que o Agente Comunitário de Saúde (ACS) é um profissional essencial, posto suas ações junto à comunidade. E que esta relação favorece o reconhecimento e intervenção nos casos de VCM (SILVA et al, 2015). Assim, essa pesquisa tem a seguinte questão norteadora: Qual a compreensão e atuação dos ACS frente a VCM?

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



2. Objetivo

Analisar a compressão e as condutas dos ACS frente os casos de VCM.

3. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, do tipo exploratória, com abordagem qualitativa, realizado nas Estratégias de Saúde da Família (ESF) da zona urbana de um município do interior cearense, com um quantitativo de 40 ACS.

Para coleta de dados, utilizou-se um Roteiro de entrevista previamente elaborado com questões abertas para responder aos objetivos da pesquisa. Após a coleta, os dados passaram pela análise de conteúdo de Minayo (2014). Após a análise, emergiram as seguintes categorias: Percepções do ACS sobre VCM e Atuação do ACS frente a VCM.

Essa pesquisa obedeceu aos aspectos éticos das Resoluções 510/2016 e 466/2012 (BRASIL, 2012, 2016) e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Regional do Cariri sob número de CAAE 12205319.3.0000.5055.

4. Resultados/ Discussão

4.1 Percepções dos ACS sobre VCM

Nessa categoria, observa-se o entendimento dos ACS sobre VCM cuja maioria apresentam uma visão ampliada sobre a definição e causalidade desse problema, como pode-se constatar a seguir.

“Acho que o homem é muito machista, ele discrimina muito a mulher ele quer sempre ser por cima da mulher” (ACS 3).

“A mulher sempre foi mais rebaixada, por ser mulher, aí ficou aquela coisa, para o homem mandar nela, por conta disso eles se acharam no direito de ser o dono, de bater, de mandar mas isso n pode ser mais assim no mundo de hoje” (ACS 26).

“Eu acho que violência contra a mulher nem sempre é com pancadas né? As vezes só com palavras já tá violentando dependendo do seu linguajar você já atinge a mulher por violência” (ACS 9).

“Eu creio que a psicológica ainda ocorre mais do que a física, que é a aquela camuflada que muitas vezes não tem como as pessoas verem...”. (ACS 17).

“A própria mulher que está sendo violentada ela desconhece” (ACS 18).

Partindo dos resultados obtidos, observa-se que o entendimento dos ACS acerca da VCM ultrapassa a violação física, perpassando os aspectos imbricados na causalidade da violência, como o machismo acima citado. Nesse sentido, os comportamentos de gênero impostos na sociedade são favorecedores de episódios violentos, em que o homem acredita que a VCM é

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



permitida e justificada em detrimento dos costumes sociais machistas (GRANJA; MEDRADO, 2009; FIGUEROA-PEREA, 2013).

Sobre as manifestações da VCM, percebe-se que os ACS possuem uma visão ampliada para situações facilmente invisibilizadas que constituem violência. Nesse aspecto, Kurtz (2017), expõe que os tipos mais visíveis de violência são as formas física e sexual, enquanto a psicológica e econômica é menos detectável à primeira vista, podendo acabar sendo negligenciadas.

Corroborando com os achados, ainda cabe expor que as vítimas muitas vezes não se reconhecem como tal, posto que o pensamento feminino também anda em consonância com os preceitos machistas e patriarcais, o que a faz naturalizar as condutas abusivas do parceiro (BORDIEU, 2014).

4.2 Atuação do ACS frente a VCM

Nessa categoria são observadas as ações que os participantes do estudo executam frente a VCM. Sobretudo, em relação ao acolhimento e intervenção, quando se percebem as fragilidades e as potencialidades, como exposto a seguir.

“As vezes e difícil...Pra combater, as vezes fica um pouco complicado por conta daquilo que falei da impunidade” (ACS 5).

“Aconselharia a fazer denuncia” (ACS 6).

“Eu encaminharia ela a um setor responsável.” (ACS 9).

“Eu como ACS a única atitude é encaminhar ao psf pra ser orientada pela enfermeira ou pela medica” (ACS 25).

“Primeiro momento orientar a procura do serviço de saúde e depois orientar os equipamentos que dão apoio que tem o Centro de referência da mulher tem o CREAS pra ela tá buscando ajuda e solucionar o seu problema” (ACS 7).

É possível observar nas três primeiras falas dos ACS algumas fragilidades. Entre essas fragilidades, destaca-se o medo do agressor, visto que ainda não se dispõe de uma política de segurança para os profissionais de saúde (LEITE et al., 2016).

Outro aspecto que denota fragilidade diz respeito ao encaminhamento e sugestão de denúncia imediatos, relatados pelos ACS 6 e 9, o que pode sugerir à vítima que a unidade de saúde não é um ambiente para tratar da violência, levando a quebra do vínculo com o profissional (GOMES; ERDMANN, 2014).

O ACS 25 demonstra uma visão limitada de sua atuação frente a VCM. O estudo de Lira, Silva e Trindade (2012) abordam uma visão empoderada das ações desse profissional, que está atrelada ao rastreamento das formas físicas e das formas não visíveis, que devido o vínculo ACS-comunidade torna-se mais palpável; bem como, o manejo do caso junto à equipe de saúde.

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



O ACS 7 expõe a potencialidade do conhecimento acerca das orientações e do encaminhamento oportuno aos equipamentos corretos da rede de apoio. É essencial que os profissionais de saúde possam divulgar o setor saúde como ambiente para o cuidado à vítima, bem como os demais serviços de apoio para os quais a mulher pode ser encaminhada mediante prévio trabalho e decisão em equipe (BRASIL, 2011; GOMES; ERDMANN, 2014).

5. Conclusão

Os participantes dessa pesquisa demonstraram compreensão ampliada acerca da VCM, o que é de extrema relevância para a sua identificação e manejo. No entanto, as condutas adotadas apresentam um meio termo de coesão com o que é preconizado, ora apresentando fragilizadas pela impunidade e pela ideia limitante de encaminhamento e denúncia imediata para resolução do problema; ora apresentando potencialidades acerca do uso correto das redes de apoio.

Assim, torna-se essencial ações de educação permanente em saúde que se apropriem do conhecimento prévio desses ACS no sentido de potencializá-los para condutas assertivas e eficientes.

6. Referências

ALMEIDA, L.R de; SILVA, A.T.M.C da; MACHADO, L.D.S. O objeto, a finalidade e os instrumentos do processo de trabalho em saúde na atenção à violência de gênero em um serviço de atenção básica. **Interf., comun., saúde e educ.**, v.18, n.48, p. 47-59, 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2012.

_____. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Diário Oficial da União, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em 06 de maio de 2017.

_____. Ministério da Justiça (BR). Secretaria Nacional de Segurança Pública, Secretaria de Políticas para Mulheres. **Rede de enfrentamento à violência contra as mulheres**. Brasília (DF); 2011.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CERQUEIRA, D. C. et al. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Atlas da violência, junho de 2018, Rio de Janeiro, 2018.

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



FIGUEROA-PEREA, J. G. Algunas reflexiones sobre el estudio de los hombres desde el feminismo y desde los derechos humanos. **Estudos Feministas**, v.21, n.1, p. 371-393, 2013.

GRANJA, E.; MEDRADO, B. Homens, violência de gênero e atenção integral em saúde. **Psicologia & Sociedade**, v.21, n.1, p. 25-34, 2009.

GOMES, N. P. et al. Homens e mulheres em vivência de violência conjugal: características socioeconômicas. **Rev Gaúcha Enferm**, Jun; v.33, n.2, p. 109-16, 2012.

GOMES, N. P.; ERDMANN, A. L. Violência conjugal na perspectiva de profissionais da "Estratégia Saúde da Família": problema de saúde pública e a necessidade do cuidado à mulher. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.22, n.1, 2014.

KURTZ, G. B. Manifestações de violência simbólica contra a mulher nos videogames: uma revisão bibliográfica. **Rev Metamorfose**, v. 2, n.1, 90-109, 2017

LEITE, J. T. et al. Enfrentamento da violência doméstica contra crianças e adolescentes na perspectiva de enfermeiros da atenção básica. **Rev Gaúcha Enferm**, v.37, n.2, 2016.

LIRA, C. E. P.; SILVA, P.P.C.; TRINDADE, R.F.C. Conduta dos agentes comunitários de saúde diante de casos de violência familiar. **Rev. Eletr. Enf.**, v.14, n.4, p.928-36, 2012.

MENEZES, P. R.de. et al. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. **Saúde Soc. São Paulo**, v.23, n.3, p.778-786, 2014.

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. Editora Hucitec. São Paulo, 2014.

SILVA, C. D. et al. Representação social da violência doméstica contra a mulher entre Técnicos de Enfermagem e Agentes Comunitários. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 49, n. 1, p. 22-29, 2015.

_____. World Health Organization; London School of Hygiene and Tropical Medicine. **Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence**. Geneva: World Health Organization; 2010.